

A LEITURA LITERÁRIA NA PERSPECTIVA INCLUSIVA DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Roseclene Timóteo da Silva¹

Paulo Alberto da Silva Sales²

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo discutir a importância da leitura de livros infantis no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil. Tentaremos aprofundar a pesquisa sobre o que, de fato, é o TEA, mais conhecido como “autismo”, pois é possível observar que o conhecimento sobre esse transtorno é superficial para muitas pessoas. A pesquisa foi realizada com base teórica no livro "Mundo Singular: entenda o Autismo"(SILVA, 2012), que apresenta a visão de mundo e desafios de um autista, e pesquisa bibliográfica a partir da análise das obras “Um amiguinho diferente” (SOUZA, 2003) e Meu Amigo faz iiiii (WERNER, 2017) que traz uma forma lúdica de trabalhar a aprendizagem em sala de aula, destacando crianças autistas e seu comportamento. Escolhemos tais obras por tratarem a inclusão de forma lúdica, considerando a criação de valores como amizade, respeito e igualdade entre as crianças, que contribuem para a criação de um discurso inclusivo, destacando as necessidades dos alunos e aprender a respeitar a diferença do outro. Portanto, a partir das obras citadas acima, os professores podem pensar em formas de trabalhar com toda a turma de forma lúdica e simples, pensando na perspectiva inclusiva dos alunos com TEA, pensando em como preparar a turma para acolher esses alunos, respeitando suas peculiaridades.

Palavras-chave: Inclusão; Autismo; Literatura Infantil.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia(ept) na Modalidade a Distância. E-mail: Kena300@gmail.com

² Docente do Instituto Federal Goiano-campus Hidrolândia. E-mail: paulo.alberto@ifgoiano.edu.br

ABSTRACT

The research aims to discuss the importance of reading children's books in the process of including students with autism spectrum disorder (ASD) in early childhood education. The research will discuss what is, in fact, ASD, better known as "autism", as it is possible to observe that knowledge about this disorder is superficial for many people. The research was carried out with a theoretical basis in the book "Mundo Singular: Entenda o Autismo" (SILVA, 2012), which presents the world view and challenges of the works "Um amigo diferente" (SOUZA, 2003) and "Meu Amigo faz iiiii" (WERNER, 2017) which brings a playful way of working learning in the classroom, highlighting autistic children and their behavior. Such works were chosen because they treat inclusion in a playful way, considering the creation of values such as friendship, respect and equality among children, which contribute to the creation of an inclusive discourse, highlighting the needs of students and learning to respect the difference of the other. Therefore, from the works mentioned above, teachers can think of ways to work with the whole class in a playful and simple way. thinking about the inclusive perspective of students with ASD, thinking about how to prepare the class to welcome these students, respecting their peculiarities.

Keywords: Inclusion. Autism. Children's literature.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo constitui o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia (ept) na Modalidade a Distância do If Goiano -Campus Hidrolândia. Tem como tema "A Leitura Literária na Perspectiva Inclusiva de Alunos com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil". Um dos interesses em investigar o tema partiu da vivência com crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista e a percepção da superficialidade do conhecimento a respeito do transtorno e como essas crianças estão sendo inseridas no meio educacional e social.

Segundo Silva (2012), a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu todo dia 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, e segundo a ONU, existem cerca de 70 milhões de pessoas acometidas por esse transtorno no mundo, já que

em crianças é mais comum do que câncer, AIDS e diabetes. A Revista Espaço Aberto da USP informa que, segundo informações do CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças), órgão vinculado ao governo dos Estados Unidos, há atualmente um caso de autismo para cada 110 pessoas. Assim, estima-se que o Brasil, com seus 200 milhões de habitantes, tenha cerca de dois milhões de pessoas com autismo. De acordo com o CDC, só no estado de São Paulo são mais de 300 mil ocorrências. No entanto, apesar dos números, milhões de brasileiros com autismo ainda lutam para receber o tratamento necessário. Estamos lidando com um número muito grande, por isso há a necessidade de entender um pouco melhor o que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), afinal.

Segundo dados do sindicato das escolas particulares de Minas Gerais (SINEP-MG), o número de alunos com o TEA que estão matriculados em classes comuns no Brasil aumentou 37,27% em um ano. Em 2017, 77.102 crianças e adolescentes com autismo estavam na mesma turma de pessoas sem deficiência. Esse índice cresceu para 105.822 alunos em 2018. Os dados são retirados do censo escolar, divulgado anualmente pelo Instituto Nacional de Pesquisa e Ensino Anísio Teixeira (Inep). Estão incluídos alunos de escolas públicas e privadas.

É importante garantir que os alunos com autismo realmente aprendam e participem do ambiente escolar e social. A defensora pública do Estado de São Paulo, Renata Tibyriçá, afirma que "Nenhum trabalho em particular garante o aprendizado." Segundo a médica e especialista em problemas de desenvolvimento, ainda faltam métodos: conteúdo adequado para alunos com autismo, formação adequada para professores e preparação para provas específicas. Para a defensora não basta apenas colocar esses alunos em sala de aula, para aumentar os números, é preciso que ela aprenda e se inteire com a turma da sala de aula.

De acordo com a Dra. em Educação Maria Tereza Eglér Mantoan, os professores em sala não são palestrantes e não precisam utilizar somente recursos pedagógicos básicos de aprendizagem. O ensino para toda a turma reafirma a necessidade de fomentar situações de aprendizagem que criem uma teia colorida de conhecimento onde os tópicos refletem diferentes compreensões e percepção de grupos, de pessoas que trabalham juntas em sala de aula. Para Mantoan o professor não precisa ter como metodologia de ensino tradicional, de transmissor de conhecimento e os alunos como receptores, o professor

pode participar da caminhada do saber com os alunos e assim conhecer melhor as necessidades e peculiaridades dos alunos. Mantoan afirma que:

O professor que ensina a turma toda não tem o falar, o copiar e o ditar como recursos didático-pedagógicos básicos. Ele não é um professor palestrante, identificado com a lógica de distribuição do ensino e que pratica a pedagogia unidirecional do “A para B e do A sobre B”. como afirmou Paulo Freire, nos idos de 1978, mas aquele que partilha “com” seus alunos a construção/autoria dos conhecimentos produzidos em uma aula. O ensino expositivo foi banido da sua sala de aula, onde todos interagem e constroem ativamente conceitos, valores, atitudes. Esse professor explora os espaços educacionais com seus alunos, buscando perceber o que cada um deles consegue apreender do que está sendo estudado e como procedem ao avançar nessa exploração. Certamente, um professor que engendra e participa da caminhada do saber “com” seus alunos consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação. Ensinar a turma toda reafirma a necessidade de se promover situações de aprendizagem que formem um tecido colorido de conhecimento, cujos fios expressam diferentes possibilidades de interpretação e de entendimento de um grupo de pessoas que atua cooperativamente, em uma sala de aula. (MANTOAN,2003, p.41).

Segundo a Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva, psiquiatra e especialista em comportamento, e autora do livro "Mundo Singular: entenda o Autismo", o início da vida escolar é um marco importante no desenvolvimento das crianças, além de proporcionar aprendizado, favorecer o desenvolvimento social e a formação individual. Ao passar mais tempo com essas crianças, o professor desempenha um papel importante em suas vidas, desenvolvendo a oportunidade de se conhecerem e auxiliando-as no processo de aprendizagem e inclusão na escola e na comunidade. Silva afirma que o professor tem papel importante quando se dedica.

O professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área. Com amor, dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança. O primeiro passo é o conhecimento. Informações específicas sobre o funcionamento autístico são ferramentas essenciais para orientar o professor no trato com esse aluno e, sobretudo, auxiliá-lo em seu desenvolvimento. Algumas sutilezas, como falar baixo, chamar a atenção de forma delicada ou ajudá-lo a entender o conteúdo por meio de figuras ou imagens, são sempre muito bem-vindas. Para isso, é importante avaliar os pontos fracos de seu aluno e colocar em prática as estratégias. Seu empenho pode fazer uma enorme diferença na vida dele. Pode tirá-lo de um mundo com repertórios restritos e redirecioná-lo a um universo repleto de novidades e atrativos. Além disso, pode facilitar sua convivência em grupo de maneira harmônica e prazerosa. Mais do que ensinar, a escola possui o importante papel de ser o local dos primeiros grupos sociais dos pequenos. Lá eles encontrarão coleguinhas que, por vezes, os acompanharão pela vida por muitos anos. (SILVA,2012, P.55)

Nesse sentido serão analisadas as obras “Um Amiguinho diferente” (SOUZA, 2003) e Meu Amigo faz iiiii (WERNER, 2017). As duas obras tratam de crianças que, na sociedade, parecem ser diferentes. A obra “Um Amiguinho diferente” é uma revista em quadrinhos do famoso escritor Mauricio de Souza. Este trabalho foi publicado em 2003 pelo Instituto Cultural Mauricio de Sousa, em edição única, destinada a pais, familiares e professores, como um alerta sobre a importância do diagnóstico precoce e comportamentos reconhecíveis para crianças com autismo. A obra conta a história da Turma da Mônica por meio de outro personagem, André, uma criança que tem um relacionamento particularmente difícil com os amigos da irmã Lucila. Eles não o conhecem no início, os amigos de Lucila zombam dele e dizem que ele é rude, porque ele é uma criança quieta e se comporta de forma diferente, mas depois que Lucila explica para vocês amigos que ele é uma criança especial e que ele se comporta de forma diferente, é autista, todos entendem e pedem desculpas, desenvolvendo amizade e respeito. Outra obra analisada é meu amigo faz iiiii (WERNER, 2017), publicada em 2017, por Andréa Werner, autora do site Lagarta Vira Pupa, que se tornou referência entre pais e especialistas na área e mãe de Theo, de 11 anos, diagnosticado com autismo. A autora nos traz a história de Nil, um aluno que enfrenta dificuldades como um novato, sendo um aluno diferente, mas em meio a essas dificuldades ele consegue formar uma amizade duradoura com Bia, uma aluna que aprende a compreender e a viver com ele e também respeita as suas peculiaridades, após receber a devida orientação da professora, de como deveria se comportar com Nil. Andréa mostrou com incrível facilidade e sensibilidade de como é possível se comunicar com crianças com autismo, mesmo quando elas não falam, como seu personagem Nil, que ainda não consegue falar e se comunicar. Ela apresenta o primeiro passo para conhecer uma criança com autismo na escola: a observação. Observe o que seu amiguinho gosta de fazer, o quanto ele está feliz, tente entender como se comunicar, brincar com ele e possíveis formas de ajuda-lo.

Tais obras do nosso corpus abordam de forma lúdica, maneiras de tratar o colega diferente, respeitando seus direitos com igualdade e bom senso, independentemente de sua deficiência, possibilitando nesse sentido que os docentes trabalhem a leitura literária na perspectiva do processo de inclusão do aluno dentro da sala de aula de forma lúdica e simples. Nesta pesquisa, são examinados os temas que tais obras abordam, uma vez que

elas apresentam elementos que podem corroborar com o processo de aprendizagem e inclusão, desenvolvendo com a turma a prática de acolher e respeitar os alunos com TEA.

O objetivo geral do estudo foi investigar o Transtorno do Espectro Autista (TEA) para buscar compreender melhor o transtorno e refletir sobre as contribuições da leitura de obras literárias infantis na perspectiva inclusiva de alunos com TEA na Educação Infantil a partir da análise das obras infantis. Objetivos específicos: Realizar pesquisa sobre TEA; compreender a importância da inclusão de alunos com TEA no ambiente escolar; analisar as obras infantis "Um Amiguinho diferente" (SOUZA, 2003) e Meu Amigo faz iii (WERNER, 2017).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 -Conceituando Transtorno de Espectro Autista (TEA), causas, sintomas e diagnóstico.

No estudo de MELLO (2007) foi realizado uma análise sobre o surgimento do Transtorno do Espectro Autista. Os resultados obtidos foram que a palavra autismo foi utilizada pela primeira vez em 1943, pelo médico austríaco Leo kanner, nos Estados Unidos, quando escreveu um artigo baseado no estudo com 11 crianças com dificuldades de se relacionar, chamando de Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo, e em seguida em 1944, pelo médico, também austríaco Hans Asperger, na Áustria, que desenvolveu estudos muito semelhantes a concepção de kanner, quanto aos sintomas do autismo, portanto a identificação do autismo pode ser atribuída tanto a kanner quanto Asperger, devido ao fato de que os dois realizaram estudos relacionados ao autismo. A primeira organização brasileira fundada com o intuito de acolher e capacitar famílias e profissionais, com papel social e de pesquisa, foi a Associação de Amigos dos Autistas (AMA), em São Paulo, fundada em oito de agosto de 1983, por um grupo de pais de crianças portadoras de Autismo. Segundo Mello (2007) ainda não existe um exame clínico que demonstre que uma pessoa tem TEA, o diagnóstico pode ser feito através de uma série de manifestações que podem ser reconhecidas e avaliadas precocemente na vida, e servem para o diagnóstico. Algumas manifestações podem aparecer precocemente na vida de um indivíduo, entre 2 e 3 anos de idade. É necessário a avaliação de uma equipe

multiprofissional, pois cada pessoa apresenta uma dificuldade e habilidade diferente da outra. O diagnóstico de autismo pode ser feito através da avaliação de quadro clínico e ainda não existem testes laboratoriais específicos para a identificação do TEA, sendo de causas desconhecidas, e podendo estar relacionadas as causas e fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto. Pressupõe que possa estar relacionado a anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética.

No estudo de Freitas (2017) foi realizado uma análise mais atual sobre o Transtorno do Espectro Autista e os resultados obtidos foram que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou simplesmente Autismo é um atraso no desenvolvimento que pode trazer grandes desafios nas relações sociais, comunicação e comportamento das pessoas afetadas. Não existindo nenhuma diferença física, as pessoas com TEA apenas se comportam, aprendem e veem o mundo de forma diferente. O processo de ensino e aprendizagem pode variar de uma pessoa para outra; enquanto para uma pode ser bem simples, para outras pode ser algo extremamente desafiador. A causa desse transtorno ainda não está comprovada cientificamente, muitos fatores podem predispor as crianças a esse transtorno, incluindo fatores biológicos, ambientais ou hereditariedade. Os sinais de autismo podem ser facilmente perceptíveis ou quase imperceptíveis. Dentre os principais sintomas estão:

- isolamento social;
- hiperatividade;
- não possui o contato visual;
- possui movimentos estereotipados e repetitivos;
- Atraso ou dificuldade na fala;
- usa objetos de forma incomum, e entre outros.

De acordo com Freitas (2017) por mais que não haja cura para o autismo, estudos comprovam que quanto antes for diagnosticado e iniciadas as intervenções, terão melhores resultados, que serão para vida toda. Desde o ensino das atividades básicas do dia a dia ao desenvolvimento de habilidades mais complexas. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma ciência baseada em evidências, pesquisa e experimental e pode ser aplicada em diversas áreas. A ABA estuda o comportamento

antissocial das pessoas, o autismo é uma de suas características. Funciona não apenas na compreensão de comportamentos problemáticos, mas também no ensino de novos comportamentos. A terapia ABA tem sido amplamente utilizada como forma de tratamento do autismo. Como resultado, as crianças com autismo desenvolvem habilidades essenciais para a vida e reduzem comportamentos indesejados, excessivos e ausentes associados ao transtorno.

A partir do estudo de Silva (2012) podemos destacar que desde pequeno, o indivíduo busca constantemente a interação com as pessoas a fim de alcançar o desenvolvimento social. Mas, para o indivíduo com Autismo, não é bem assim que acontece, desde pequenos podem apresentar problemas de se relacionar, algumas crianças apresentam um nível mais severo, podendo se isolar totalmente, sendo facilmente diagnosticadas e outras, com traços bem sutis, quase imperceptíveis, que dificultam o diagnóstico, podendo chegar a vida adulta sem ser percebido.

Identificar uma criança isolada no seu canto, que se balança e geme o tempo todo, com nítido autismo, não é tão difícil. Porém, identificar nuances muito leves de dificuldades sociais em pessoas que não têm nenhum diagnóstico é bem mais complicado. Entender a fundo os sentimentos e percepções dos portadores desse funcionamento mental é o primeiro passo para que possamos ajudá-los.

Os traços sutis de autismo tendem a se mascarar mais facilmente com o decorrer do tempo. Em nossa prática clínica diária, deparamos com adultos que jamais foram diagnosticados, tampouco tratados. Eram vistos pela família apenas como "estranhos", "esquisitões" ou "nerds"; no entanto, ao longo de suas trajetórias de vida encontraram muitas dificuldades em se socializar. Alguns, muito inteligentes, transitavam entre as pessoas como se fizessem parte daquele grupo, mas, na realidade, nunca conseguiram estreitar os relacionamentos. (SILVA,2012, p.11)

De acordo com Silva (2012) podemos destacar que as crianças com TEA, apesar de serem bem sensíveis, possuem dificuldades de desenvolver vínculo afetivo e o contato social se transformando em algo assustador para elas, geralmente ficam distantes e não gostam de participar de jogos interativos, e quando participam podem agir de forma mecânica, porém esse vínculo pode ser desenvolvido gradualmente, requerendo muita paciência e persistência por parte do educador com apoio da família, sendo um grande desafio para todos que estiverem envolvidos.

Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras que não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. Estas últimas apresentam apenas traços do autismo, não fecham diagnóstico, mas suas pequenas dificuldades também devem ser tratadas. Transitar entre os

diversos níveis de interação social dessas pessoas é um desafio para familiares e até terapeutas. (SILVA,2012, p.11)

No que diz respeito à comunicação, as crianças com TEA tem um elevado grau de comprometimento verbal e não-verbal, dependendo muito do grau do transtorno e pode chegar a total ausência de fala. A ausência de fala em alguns casos é o que mais preocupa os pais, os levando a procurar ajuda com médicos e especialistas. Em alguns casos, chegam a não falar nada. Existem também outros casos em que a criança pode desenvolver uma linguagem padronizada e repetitiva e ou/ bem peculiar, que as vezes somente os familiares poderão entender.

De fato, falhas ou problemas, na evolução da linguagem constituem os primeiros sinais de que o desenvolvimento de uma criança não está conforme o esperado e podem sugerir um funcionamento Autísticos. Assim como nas questões relacionadas à socialização, nos deparamos, aqui, com um espectro de alterações. Algumas crianças com autismo podem ter um excelente desenvolvimento da linguagem falada e, por vezes, emitem palavras "perfeitinhas". Em outros casos, os pais percebem que, com um ano de idade, sobrinhos ou coleguinhas já articulam as primeiras palavras, mas seus filhos ainda não. As preocupações crescem (e muito) a partir dos 2 anos, fase em que outras crianças já conseguem formar frases completas, enquanto seus "pequenos" nem parecem ouvir quando são chamados. (SILVA, p.14)

Outra característica importante do TEA, e que geralmente criança se interessa somente por um determinado assunto, estuda, assiste programas de tv e conversa sobre o assunto preferido, apresenta uma grande habilidade de inteligência, mas ao mesmo tempo se torna uma obsessão. No trecho do livro de Silva (2012), onde é abordado o caso de Cadu, identificamos o problema do hiper foco, que muitas vezes interfere na relação com outras pessoas, atrapalhando a convivência da criança. Em outros casos a criança também pode se apegar em rotinas, horários, rituais e serem bem agitadas.

Cadu era um garoto brilhante, aos 7 anos conhecia todos os automóveis do mundo, falava desde a marca até a potência do motor, sem perder nenhum detalhe. Assistia somente aos programas sobre o tema, vivia lendo manuais de carros, pedia para os familiares comprarem revistas dos veículos em seu aniversário, e não queria outra coisa. (SILVA,2012, p.19)

Segundo Silva (2012) o indivíduo portador de TEA pode apresentar várias formas de manifestações, desde leves a mais complexas que podem conter todos os sintomas. Portanto todas as manifestações se movimentam pela tríade de sintomas, no que diz respeito a área da socialização, de comunicação e comportamento, porém nem todas manifestam-se no mesmo caso, um indivíduo pode apresentar problemas de

comportamento e nem um problema na comunicação verbal. Silva (2012) diz que o autismo possui várias formas de se manifestar, mas sempre terá traços similares.

Quando jogamos uma pedrinha em um lago de água parada, ela gera várias pequenas ondas que formam camadas mais próximas e mais distantes do ponto no qual a pedra caiu. O espectro autista é assim, possui várias camadas, mais ou menos próximas do autismo clássico (grave), que poderia ser considerado o centro das ondas, o ponto onde a pedra atingiu a água. Esse espectro pode se manifestar nas pessoas de diversas formas, mas elas terão alguns traços similares, afinal todas as ondulações derivam do mesmo ponto. (SILVA, 2012, p.30)

Essas mudanças transitam por déficits triplos nos domínios social, de comunicação e comportamental, e nem todas essas dificuldades ocorrem sempre simultaneamente no mesmo caso. Algumas pessoas têm comprometimento social, mas não há problemas comportamentais e há casos de disfunção comportamental sem atraso na linguagem. Em todos estes, surgem mais ou menos dificuldades na interação social. O autismo pode ser subdividido em categorias: Traços do autismo, com características muito leves; Síndrome de Asperger; Autismo em pessoas com alto funcionamento; Autismo clássico, grave, com retardo mental associado. No lado mais leve do espectro, encontramos pessoas com apenas "traços" autistas, eles não têm todos os transtornos, mas apenas algumas dificuldades porque têm certas características autistas. É comum notar esses traços em irmãos e pais de crianças com autismo. Na Síndrome de Asperger, eles têm uma série de sintomas de desordem social. sentir-se solitário em suas atividades, ter dificuldade em compartilhar ideias e interesses, ter dificuldade em entender como a outra pessoa está se sentindo ou pensamento. Interesse limitado, ou seja, foco em alguns tópicos. Propõem rotinas e rituais, incluindo discursos e modos especiais de falar. Às vezes eles parecem bem certinhos e usam palavras incomuns para se adequar à sua idade. Mesmo quando a fala é preservada, a comunicação pode ser "estranha" porque eles não entendem frases de duplo sentido ou as entrelinhas de uma conversa. No autismo de alto funcionamento, apesar das dificuldades sociais e atraso de linguagem, não possui retardado, tem facilidade de aprender. Possui independência nas atividades básicas da vida diária, como escovar os dentes, ir ao banheiro, Tomar banho. Autismo grave ou autismo relacionado ao retardo mental e dificuldade de independência, que é muitas vezes referido como autismo clássico, e geralmente é como as pessoas imaginam as pessoas com autismo. As crianças com este diagnóstico geralmente têm dificuldade de interação social. Eles não fazem contato visual, eles não têm um relacionamento adequado, eles

não tentam compartilhar interesses ou jogos com outras pessoas. Muitos acabam isolados em seus cantos, e não desenvolvem a linguagem corretamente. Podem ter grande dificuldade em se comunicar, mesmo que pergunte sobre coisas que lhe interessam. Eles exibem movimentos repetitivos, como sacudir o corpo e acenar com as mãos. Todos os casos necessitam ser diagnosticados e tratados o quanto antes.

2.2 – A Educação Inclusiva

A partir dos estudos de Mello (2007) entendemos que a inclusão não se limita somente em colocar o aluno com necessidades especiais dentro de uma sala de aula de ensino regular e querer que ele acompanhe os outros ou esteja naquele lugar por se tratar de uma obrigatoriedade. Também inclui a oportunidade para todos os alunos, incluindo aqueles que são portadores do Transtorno do Espectro Autista, de receberem os benefícios de um ambiente inclusivo onde possam estar cercados por seus colegas, em vez de ficarem sozinhos em casa ou em um programa de educação especial, onde há apenas outras crianças como eles.

Quando se pensa em termos de inclusão, é comum a idéia de simplesmente colocar uma criança que tem autismo em uma escola regular, esperando assim que ela comece a imitar as crianças normais, e não crianças iguais a ela ou crianças que apresentam quadros mais graves. Podemos dizer, inicialmente, que a criança com autismo, quando pequena, raramente imita outras crianças, passando a fazer isto apenas após começar a desenvolver a consciência dela mesma, isto é, quando começa a perceber relações de causa e efeito do ambiente em relação a suas próprias ações e vice-versa. (MELLO,2007)

No estudo de Mantoan (2003) foi realizada uma análise sobre a inclusão e os resultados encontrados foram que a escola prepara a criança para o futuro e, claro, quando as crianças aprendem importância de conviver e valorizar as diferenças na sala de aula, serão adultos muito diferentes de nós, que temos que trabalhar muito para compreender e viver a experiência da inclusão. O início do ensino de toda a turma, sem divisão ensinando a cada aluno ou a um grupo de alunos, entendendo que a diferença é feita pelo próprio aluno, quando aprende, e não pelo professor, quando ensina. Essa modificação é a base para que toda a aula seja ensinada, naturalmente, sem sobrecarregar desnecessariamente o professor para produzir tarefas e acompanhar diferentes grupos de alunos e outros alunos para se encaixar com seus colegas. De acordo com Mantoan (2003) toda a turma precisa aprender junto sem distinção, e precisam aprender sobre as diferenças e a conviver com as diferenças. De acordo com Mantoan (2003) a inclusão ocorre quando nós somos

capazes de reconhecer o outro e ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós, acolhendo sem exceção nenhuma. É válido para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, e também para os autistas. Para Mantoan (2003) a verdadeira inclusão ocorre quando acontecer primeiro a mudança do atual modelo escolar, uma mudança de paradigma, traçando um novo modelo escolar, de fato praticando a verdadeira inclusão. Portanto, inclusão significa mudar esse conceito atual de educação, para se adequar ao mapa educacional da escola que estamos redesenhando”. Mesmo tendo o direito a inclusão garantido por lei, por vezes o que é “diferente”, acaba participando de um processo de exclusão, ao invés de inclusão, uma triste realidade que pode ser observada através da maioria da política educacional brasileira.

Problemas conceituais, desrespeito a preceitos constitucionais, interpretações tendenciosas de nossa legislação educacional e preconceitos distorcem o sentido da inclusão escolar, reduzindo-a unicamente à inserção de alunos com deficiência no ensino regular. Essas são, do meu ponto de vista, grandes barreiras a serem enfrentadas pelos que defendem a inclusão escolar, fazendo retroceder, por sua vez, as iniciativas que visam à adoção de posições inovadoras para a educação de alunos em geral. Estamos diante de avanços, mas de muitos impasses da legislação. (MANTOAN,2003, P.21)

A Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional nº 4.024/61, considera a permanência de alunos com deficiência nas salas de aula de ensino regular, sendo considerada um marco na história da inclusão no Brasil. Em 1973 o MEC, criou o CENESP (Centro Nacional de Educação Especial), com uma visão mais assistencialista. A Constituição Federal de 1988, Art. 205, garante o direito a educação para todos:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, Art.205)

A constituição afirma em seu Art.206, Inciso I, que o ensino terá como princípio de ensino a igualdade de permanência na escola para todos sem exceção, inclusive pessoas que possuam algum tipo de necessidade, isso inclui também pessoas portadoras de Transtorno do Espectro Autista (TEA), “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola.” (BRASIL,1988). Reforçando o direito de educação desses alunos na rede de ensino regular, no seu Art.208, Inciso III, “portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Sendo assim a Constituição garante o direito de educação e acesso à escola a todos, a fim de atingir o pleno desenvolvimento e preparando para a cidadania, atendendo aos princípios constitucionais sem exceção. De acordo com Mantoan apenas isso seria o suficiente para garantir a educação a todos, porém não é bem assim que acontece, alguns casos ainda são levantados argumentos contra o processo de inclusão escolar.

Apenas esses dispositivos já bastariam para que não se negasse a qualquer pessoa, com ou sem deficiência, o acesso à mesma sala de aula que qualquer outro aluno. Mas um dos argumentos sobre a impossibilidade prática da inclusão total aponta os casos de alunos com deficiências severas, múltiplas, notadamente a deficiência mental e os casos de autismo. (MANTOAN,2003, P.22)

A análise sobre a importância da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista e entendemos que a inclusão é uma política que visa compreender e atender às necessidades educacionais especiais das salas de aula comuns do sistema de ensino regular, a fim de promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Na proposta de educação inclusiva, todos os alunos devem ser capazes de se integrar na educação regular, mesmo aqueles com deficiências ou transtornos comportamentais, de preferência, não têm defasagem de idade série. Portanto, as escolas devem se adequar às necessidades individuais desses alunos, exigindo grandes mudanças na estrutura e funcionamento das instituições de ensino, formação de professore e relação da escola com a família. O objetivo nobre da inclusão escolar é proporcionar o contato das crianças com necessidades especiais com seus pares o que ajudaria no seu desenvolvimento e ensinaria todo o grupo que é possível conviver com a diversidade no processo de construção de um mundo melhor. Para Silva (2012) A escola é um terreno fértil para o treinamento de muitas habilidades diferentes, o tempo que a criança passa em uma instituição de ensino devem ser traduzidas em socialização e estimulação constantes, então aí sim podemos dizer a palavra inclusão.

2.3 -A análise dos livros: Um amiguinho diferente (SOUZA,2003) e meu amigo faz iiiii (WERNER,2017)

Foram analisadas duas obras da literatura infantil que abordam a inclusão e autismo em seus enredos. A primeira, intitulada “Um amiguinho diferente”, fala sobre a importância de conhecer e respeitar as diferenças. A segunda, intitulada “Meu amigo faz

iiii”, apresenta aos leitores a história de um menino autista novato em uma escola e uma menina que procura entender seu mundo para tornar sua amiga.

Um amiguinho diferente (2003) se trata de uma revista em quadrinhos de Mauricio de Souza, que traz um personagem novo para a turma da Mônica, André. O novo personagem foi criado em 2003 para embasar uma campanha da Associação dos Amigos dos Autistas (AMA), aparecendo pela primeira vez no gibi “Um amiguinho diferente”, que faz parte de uma série especial de histórias em quadrinhos cujas histórias focam em crianças com algum tipo de deficiência, como Síndrome de Down, distrofia muscular de Duchenne, epilepsia, deficiência motora, auditiva e visual. A cada exemplar, os personagens principais da "Turma" (Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão) interagem com um novo amigo, uma criança com um tipo específico de deficiência. Na história de “Um amiguinho diferente” o autor trata a necessidade de ensinar as crianças a entender e lidar com as diferenças de forma simples, e viver de forma dinâmica e harmoniosa, pois para ele todos nós conhecemos alguém que tenha algum tipo de limitação e precisamos aprender a praticar a inclusão desde criança de forma simples e sem preconceito.

O enredo da historinha acontece em um bairro imaginário de Limoeiro, onde as crianças vivenciam experiências diversas com possibilidades de interação com uma criança autista, com objetivo de promover a inclusão social. A historinha tem início com as personagens, Mônica e Magali chamando Lucila para ir brincar, como o de costume, mas dessa vez Lucila tem que levar o irmão mais novo com elas, pois a mãe saiu e deixou ela tomando conta dele, então Lucila apresenta seu irmãozinho a Magali. De acordo com a figura 1, quando André é apresentado as amigas de sua irmã, ele não tem reação nenhuma diante do cumprimento, percebemos manifestação normal de um portador do Transtorno de Espectro Autista (TEA). Diante do comportamento de André, Magali interpreta de forma errônea dizendo que ele é mal educado. Logo no início do enredo já podemos perceber a limitação no processo comunicativo, que muitas vezes é desprezado no contexto social, por vezes, por falta de conhecimento. Esse fato é perceptível quando Magali reage ao comportamento diferente de André, ao responder com um pré-julgamento, tendo uma reação negativa as limitações de André. Silva (2012) destaca que as crianças com TEA, apesar de serem bem sensíveis, possuem dificuldades de desenvolver vínculo afetivo e o contato social se transforma em algo assustador para elas. O que para nós é algo muito fácil, para o portador de TEA é algo de extrema dificuldade.

Figura 1-Apresentação de André



Fonte: Extraída de Sousa (2003, p. 3)

Figura 2- A resposta negativa de Magali



Fonte: Extraída de Sousa (2003, p. 4)

Diante da reação negativa de Magali, Lucila explica que o irmão é autista, e faz questão de explicar que o irmão é uma criança diferente, que ele é um autista, conforme a figura 2, mas Magali não sabia do que se tratava e respondeu que ele era muito “nanico” para isso, mas uma vez podemos ver a falta de conhecimento sobre o espectro que é perceptível no meio social. No trecho abaixo Lucila explica que o irmão é autista com “U”:

Autistas são crianças especiais! [...] Elas são diferentes das outras! Mas não na aparência! Muitas crianças autistas não olham nos olhos das pessoas... Outras, não falam e nem acenam ‘oi’ ou ‘tchau’... Não apontam para coisas interessantes... Falam o essencial ou repetem frases ou palavras ouvidas há segundos ou dias... Não imitam outras crianças nem brincam de faz-de-conta! Algumas gostam de alinhar carrinhos ou outros objetos... Repetem movimentos... (SOUSA, 2003, p. 5-6).

Diante do trecho citado podemos perceber de forma simples a explicação sobre como uma criança autista se comporta. De acordo com Silva (2012), é de muita importante conhecermos como o autista se comporta, conhecer o mundo dele para aprender a conviver com ele, respeitando suas peculiaridades.

Figura 3 - justificando o comportamento de André **Figura 4-** características do TEA



Fonte: Extraída de Sousa (2003, p. 5)



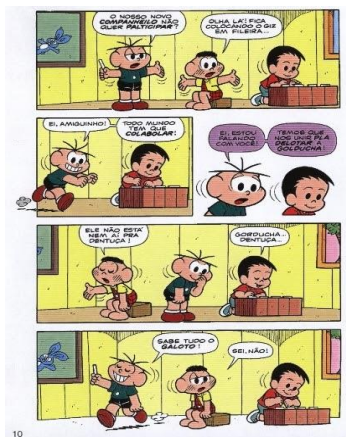
Fonte: Extraída de Sousa (2003, p. 6)

Nas figuras 3 e 4, Lucila explica que o irmão é especial, diferente, mas não em aparência, mas sim nos comportamentos. Magali demonstra entender as diferenças de André e o acolhe introduzindo-o na brincadeira de casinha, e Magali o adota como “filhinho”, pois provavelmente na mente dela, ele necessitava ser cuidado, ela segue a brincadeira junto com a Mônica, nesse momento nos deparamos com a de inclusão social entre as crianças, pois acolhem com respeito e amor o novo amiguinho.

Conforme as figuras 5 e 6, os personagens Cebolinha e Cascão, se sentiram incomodados, pois para eles a brincadeira de casinha é coisa de mulher e entenderam que André estava lá obrigado pelas meninas. Então eles foram até lá, pegaram André e levaram para a casa da árvore, mas André não teve reações e eles estranharam e disseram que ele era mal educado, notaram algumas reações estranhas de André como repetir as palavras que eles diziam, as vezes até gostaram de ver ele repetir quando insultaram a Mônica ou empilhar coisas, eles perceberam que André tinha um comportamento diferente do deles, eles notaram que o novato era diferente, mas por falta de conhecimento não sabiam do que se tratava, mas apesar disso eles queriam que ele ficasse com eles. Lucila ficou muito preocupada com o irmão, ela o conhece e sabe de suas limitações, ela e suas amigas foram buscar André, Mônica fez questão de conversar com Cascão e Cebolinha e explicou para eles que André é autista. Após a explicação tudo ficou mais claro para todos, e eles entenderam e acolheram o novo amiguinho.

Figura 5- brincadeiras diferentes

Figura 6- O resgate de André



Fonte: Extraída de Sousa (2003, p. 10)



Fonte: Extraída de Sousa (2003, p. 11)

O autor traz mais uma história interessante e divertida para a coleção, tratando de forma lúdica temas realmente difíceis como autismo e inclusão social. O gibi da Turma da Mônica é um importante elemento da cultura infanto-juvenil brasileira há mais de 50 anos, com poder de inserção positivo tanto no ambiente familiar, para fins de entretenimento e descontração, quanto no universo escolar, atuando como apoio didático.

O segundo livro escolhido, “Meu amigo faz iiiii” (2017), se trata de um livro que nos traz a história de um garotinho diferente, mas em momento algum a autora se refere a uma criança autista, mas de acordo com o desenvolver da historinha e relatos do comportamento do garotinho, podemos perceber que o personagem é uma criança autista e possui dificuldades não só de interação, mas também na comunicação verbal, que de acordo com as pesquisas citadas anteriormente, são manifestações do TEA. Andréa Werner é jornalista e escritora. Em 2010, ele descobriu que seu filho Theo tinha autismo, que estava prestes a comemorar seu segundo aniversário. Em 2012, Werner ansiosa para receber e compartilhar o que aprendeu nessa jornada, criou o blog Lagarta Vira Pupa, que se tornou referência para pais e profissionais da área. Meu amigo faz iiiiii é seu primeiro livro infantil da autora. Ela nos traz a historinha de Nil, um menino autista e sua mais nova amiga Bia. O enredo da historinha se passa em uma escola fictícia, provavelmente em uma turma de Educação infantil, Bia conta que eles estudam na mesma sala, e ela narra que cumprimentou Nil logo que ele chegou, mas ele não respondeu, somente tocou no cabelo dela e falou iiiii, conforme ilustrado na figura 1, e Bia não conseguiu entender o comportamento de Nil. Bia se deparou com algo novo e diferente, diante do contexto percebemos que Bia não reagiu com preconceito, mas ficou curiosa para saber porque o

coleguinha agia daquela maneira, porque ele só falava iiii e agia diferente, como vemos na figura 2.

Figura-1 O cumprimento



Fonte: Extraída de Werner (2007, p. 03)

Figura-2-A reação de Bia



Fonte: Extraída de Werner (2007, p. 04)

Então Bia foi até a professora e perguntou para ela porque Nil era daquele jeito, a professora de maneira simples explicou que ele ainda não sabia falar e falou para Bia observar como Nil se comportava e do que ele gostava, depois disso Bia começou a observar tudo que Nil gostava ou não gostava, é possível notar que a forma como a professora instruiu Bia, fez muita diferença na vida dela e possivelmente na vida de Nil. Conforme já vimos na pesquisa, de acordo com Silva (2012) precisamos compreender o mundo do autista para conseguir compreendê-lo, e foi exatamente isso que Bia fez.

Figura 3 – A professora

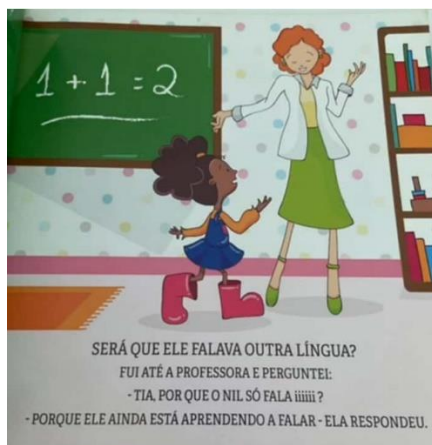
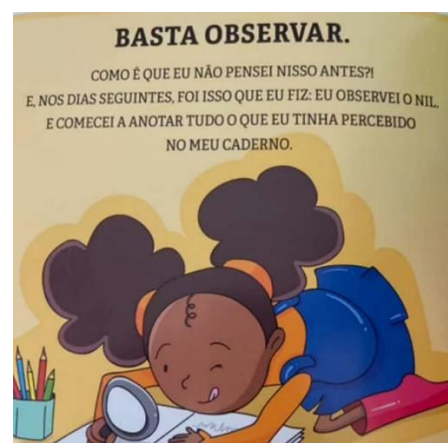


Figura 4 – A observação



Fonte: Extraída de Werner (2007, p. 05)

Fonte: Extraída de Werner (2007, p. 08)

Através da observação de Bia ela relata os comportamentos de Nil, conforme podemos ver nas figuras 5 e 6, relatos da narradora de comportamentos que de acordo com estudos são manifestações presentes em um autista, e Bia nos relata em uma linguagem simples e de fácil compreensão para as crianças, e para adultos também, pois é perceptível o tabu da inclusão social do autista no meio educacional e social.

Figura 5 – o que Nil gosta ou não



Fonte: Extraída de Werner (2007, p. 10)

Figura 6- comportamentos de Nil



Fonte: Extraída de Werner (2007, p.11)

Conforme as figuras 7, 8 e 9, Bia nos mostra uma infinidade de coisas que Nil gostava muito e que também não gostava e observou como ele reagia diferente de todos. E Bia começou a pensar e relacionar coisas que ela também gosta ou não. De uma forma simples Bia nos mostra que precisamos conhecer as pessoas e entender que cada um tem um jeito peculiar de ser e de se comportar, que ninguém é igual e que precisamos aprender a conviver com as diferenças do próximo, pois para o outro eu também posso ser diferente com meu jeito.

Figura 7 – Nil é diferente



Fonte: Extraída de Werner (2007, p. 16)

Figura 8 -Bia é diferente



Fonte: Extraída de Werner (2007, p.18 e 19)

Figura 9- pensamento

Bia finalmente começa a entender Nil e aproximou dele os dois viraram bons amigos, e assim podemos ver a verdadeira inclusão social. Na figura 10 podemos ver a alegria de Bia porque podia entender o coleguinha e brincar com ele, incluindo ele no meio social e na figura 11 é perceptível a reação positiva de Nil, para Bia ela já o considera um amigo de verdade.

Figura 10- conclusão de Bia



Fonte: Extraída de Werner (2007, p. 20)

Figura11- O sorriso de Nil



Fonte: Extraída de Werner (2007, p.21)

A autora em momento nenhum no livro revela que Nil é um autista, deixando a interpretação para os leitores, revelando apenas as manifestações do TEA presentes na história. Ela nos traz uma ótima forma de ensinar as crianças a encararem a diversidade como algo natural e positivo, deixando claro a importância do papel do professor no processo de aprendizagem e inclusão.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada para desenvolver o presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica realizada através de leitura de livros e documentos referentes ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e inclusão, que contribuíram para o aporte teórico da pesquisa, e abordagem de dados qualitativa, pois buscou através da análise dos livros “Um Amiguinho diferente” (SOUZA,2003) e “meu amigo faz iiiii” (WERNER,2017) entender qual a contribuição da leitura literária na perspectiva inclusiva de alunos com TEA. Foi feito um levantamento teórico e posteriormente a análise das obras citadas.

O desenvolvimento do estudo foi de natureza básica, pois buscou investigar e aprofundar sobre o tema, com objetivo de agregar conhecimentos, visando melhorias em relação ao processo de inclusão de alunos com TEA. Baseado em um caráter exploratório, pois foi realizada pesquisa em livros e documentos em torno do tema escolhido, por meio de pesquisa bibliográfica a partir dos livros escolhidos citados anteriormente e também em literatura especializada e outros documentos existentes em torno do tema que contribuíram com o aporte teórico do trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabemos que dentro da legalidade existe uma proposta de educação inclusiva no Brasil. No entanto, essa proposta muitas vezes fica apenas na teoria. Escolas e professoras muitas vezes não conseguem incluir de fato esse aluno no meio educacional e social. Pois entendemos que a inclusão de fato não ocorre apenas pelo fato de colocar esse aluno dentro de sala de aula, ele precisa aprender e se desenvolver.

Nesse contexto podem ser utilizados diferentes métodos para trabalhar a inclusão de qualquer aluno que tenha necessidades especiais dentro da sala de aula de ensino regular, inclusive o aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e para que isso ocorra é necessário que a turma conheça e aprenda a conviver com as diferenças dos colegas, e através da análise dos livros infantis “Um Amiguinho diferente” (SOUZA,2003) e “meu amigo faz iiiii” (WERNER,2017) entendemos que a leitura de tais obras dentro da sala de aula podem contribuir de forma satisfatória com o processo de inclusão, pois as obras analisadas trazem uma forma muito simples de tratar sobre o TEA

e essas obras podem ser utilizadas a partir da educação infantil preparando todos para receber um aluno autista, pois apresenta a criança autista em uma linguagem de fácil compreensão para as crianças. De acordo com Silva (2012), o mundo de um autista é muito simples o nosso que é complicado para ele, e precisamos conhecer esse aluno, dessa forma entendemos que é de suma importância trabalhar tais temas desde a educação infantil para promover a transformação nas crianças preparar os alunos desde pequenos para acolher e incluir as crianças autistas no meio social.

Tais obras citadas no nosso corpus trazem um contexto sobre a inclusão que sendo trabalhados em sala de aula podem ajudar no processo de inclusão de forma positiva e transformadora, pois trazem uma forma lúdica de tratar um assunto tão importante. As obras analisadas trazem uma forma muito simples de falar sobre o TEA e essas obras podem ser utilizadas a partir da educação infantil preparando a todos para receber um aluno autista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda criança com necessidades especiais tem direito à educação de que necessita. A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro autista (TEA) deve ir muito além de sua presença na sala de aula, e deve, antes de tudo, visar o aprendizado, o desenvolvimento, as habilidades e potencial para superar dificuldades. No entanto, vemos que nas escolas regulares o objetivo é proporcionar um local para inserir essas crianças, mas na verdade não promove mudanças, portanto muitas vezes esse aluno não está de fato incluído, está somente dentro da sala de aula. Observe-se que na tentativa de incluir esses alunos acaba ocorrendo um processo de exclusão ao invés de inclusão.

A pesquisa mostra que é importante que os professores, e principalmente todos da turma, realmente entendam esse aluno, entendam pelo menos o básico do comportamento e do mundo deste aluno e nós precisamos realmente entender e trabalhar com toda a turma para que o respeitar e acolher.

Através da pesquisa foi possível aprofundar o conhecimento sobre o que de fato é o TEA, pois percebemos que ainda é superficial no meio educacional e social. Que apesar de atualmente ter crescido os debates referentes ao tema ainda é algo que deixa as pessoas um tanto aquém do assunto, pois quando alguém se refere a um autista logo vem na mente

que um autista não se interage de forma alguma, que não consegue se desenvolver entre outras formas de pensar que estão no meio da sociedade. Porém através da pesquisa foi possível entender que o autismo tem vários tipos de manifestações desde mais leve que a pessoa não possui nem uma dificuldade de interação e são muito inteligentes a manifestação mais grave, que a pessoa não interage de forma alguma e tem dificuldades de fala ou aprendizagem, dentre outras características que os autistas possuem. Também foi possível através da pesquisa entender o que de fato é inclusão e abrir mais os horizontes sobre como ocorre o processo de inclusão, que apesar de ser algo que vem sendo muito discutido, é algo muito mais amplo do que pensamos. No que se refere a inclusão do autista percebemos que é possível sim inclui-lo dentro de uma sala de aula de ensino regular, dependendo do grau não precisarão nem de apoio, porém em outros casos mais graves será necessário a professora de apoio.

Através da análise das obras infantis “Um Amiguinho diferente” (SOUZA,2003) e “meu amigo faz iiiii” (WERNER,2017) foi possível entender o quanto tais obras são ricas em informações sobre o autismo, elas tratam sobre a inclusão de uma forma lúdica que trabalhada com a turma pode trazer o conhecimento e promover transformações na vida das crianças e na sociedade, pois essas crianças já vão crescer tendo um conhecimento sobre o autismo e inclusão, e assim não terão dificuldades de conviver com a diferença dos outros, não sera algo desconhecido para elas e terão mais facilidade de lidar com a situação quando depararem com ela seja no meio educacional ou social.

No entanto, embora o tema seja relevante em nosso cenário atual, conforme apresentado no estudo de Silva (2012) e Mantoan (2003), não foram encontras trabalhos referentes. Dessa maneira, se fosse feito um estudo mais aprofundado sobre o tema a leitura literária na perspectiva inclusiva de alunos com Transtorno do Espectro Autista, isso contribuiria com a ampliação dos conhecimentos dos leitores sobre a temática.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Adaptações Curriculares / Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação

Especial. – Brasília: MEC /SEF/SEESP, 1998.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista**. Presidência da República, Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.htm Acesso em: 10 set. 2021.

FREITAS, Michelli. Autismo: sintomas, causas e tratamento. **IEAC**. Disponível em: <https://blog.ieac.net.br/autismo-causa-sintomas-diagnostico-e-tratamento/>. Acesso em 06 de out. de 2021

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo. ED. Moderna, 2003.

MELLO, Ana Maria S. Ros. **Autismo: guia prático**. 7ª ed. São Paulo. 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008. Disponível em: http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf . Acesso em 05. out. 2021.

Número de alunos com autismo em escolas comuns cresce 37% em um ano; aprendizagem ainda é desafio. **Sinep-Mg**, 2019. Disponível em <https://sinep-mg.org.br/posts/numero-de-alunos-com-autismo-em-escolas-comuns-cresce-37-em-um-ano-aprendizagem-ainda-e-desafio>. Acesso em 06 de out. de 2021

OLIVEIRA, Carolina. Um retrato do autismo. **Revista Espaço aberto**, São Paulo. Ed.170. Fevereiro, 2016. Disponível em <http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>. Acesso em 06 de out. de 2021.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. Revista Educação Pública, v.20, nº 34, 8 de setembro de 2020.

Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista> Acesso em: 15 set.2021

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular** - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

SOUSA, Maurício. **A turma da Mônica: um amiguinho diferente**. São Paulo: 2003.

WERNER, Andreia. **Meu amigo faz iiiii**. São Paulo.2017